

## TUPINAMBÁ.COM

*Consuelo de Paiva Godinho Costa<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo trata do Projeto de uso da língua indígena e seu ensino na comunidade Tupinambá de Olivença (Ilhéus, BA) e relata minha experiência com o ensino da língua Tupi – materializada no Curso de Língua e Cultura Tupi – e os desdobramentos linguísticos e educacionais das escolhas feitas com relação ao uso de tecnologias digitais e redes sociais no ensino da língua.

**Palavras-chave:** Tupinambá. Ferramentas digitais. Educação Escolar Indígena.

**Abstract:** *This article discusses the indigenous language of the use of design and its teaching in the Tupinambá community of Olivença (Ilheus, BA) and report my experience with the teaching of the Tupi language - embodied in the language course and Tupi culture - and language developments and education of the choices made concerning the use of digital technologies and social networking with language learning.*

**Keywords:** *Tupinambá. digital tools. Indigenous Education.*

Para entender quem são os Tupinambá<sup>2</sup> do Sul da Bahia hoje, é preciso conhecer sua história. Começo explicando a trajetória histórica que fez com que o povo Tupinambá de Olivença fosse obrigado a abandonar sua língua e cultura, as quais luta para retomar agora. Um dia, conversando com o Cacique Ytajibá Tupinambá, eu perguntei a ele qual era, exatamente, o ano em que ocorreu o massacre do seu povo. Ele me respondeu: - “Qual deles?”

Essa resposta me assusta até hoje. O primeiro grande massacre sofrido por este povo ocorreu no período colonial, no ano de 1559, um evento que ficou conhecido como “Guerra dos Ilhéus” ou “Batalha dos Nadadores”. Na ocasião, Mem de Sá era o governador geral da Capitania de São Jorge dos Ilhéus e comandou pessoalmente o genocídio. O sangrento extermínio foi assim descrito por Silva Campos:

O troço de Caldas, composto de Índios das aldeias da Bahia, nadadores exímios, lançaram-se n'água também, em sua perseguição, e alcançaram-nos a uma légua de praia, - "uma grande légua"- e aí travou-se rija e singularíssima peleja, como bem poucas devem-se ter dado no mundo, e que na história pátria ficou conhecida como Batalha dos Nadadores (Silva Campos 1947: 43, *apud* Couto, 2003:34).

O povo Tupinambá, heroicamente, resistiu e os poucos sobreviventes continuaram na região de Ilhéus. No início do século XX, a etnia Tupinambá era

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, professor adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) – consuelopaiva@gmail.com

<sup>2</sup> Tupinambá é uma designação etnológica, de certa forma, genérica, já que corresponde a um dos vários grupos indígenas de língua pertencente ao tronco linguístico Tupi, que habitavam o litoral brasileiro no século XVI, ao lado, por exemplo, dos Tupiniquim. Para maiores informações sobre a classificação etno-linguística dos povos indígenas brasileiros, consultar RODRIGUES (1986).

liderada pelo conhecido cacique Marcelino José Alves, o *Caboclo Marcelino*, líder e guerreiro corajoso, que, na ocasião, tentava evitar a construção de uma ponte sobre o rio Cururupe (que, de fato, era a materialização do domínio que os coronéis do cacau queriam sobre a região, considerada boa para a instalação de suas casas de veraneio). Por esse motivo, houve grandes perseguições ao povo Tupinambá, na tentativa de capturar o cacique Marcelino, perseguições nas quais muitos índios foram mortos ou torturados, para que revelassem o paradeiro do cacique. Este período de perseguições, ficou conhecido como a *Revolta do Caboclo Marcelino*, iniciou-se em 1929 e perdurou até 1936, culminando com sangrento *Massacre do Rio Cururupe*, no qual foram cruelmente mortos muitos os índios desta etnia (por recusarem-se a desocupar ou a vender suas terras localizadas em área de grande especulação imobiliária, como sabemos) e, o mais espantoso: promovidas pelo governo do estado da Bahia, aliado aos coronéis do cacau, e com o aval do governo federal.

Conforme relato dos idosos Tupinambá, formou-se no litoral uma légua de corpos enfileirados (7 km!) e os invasores vangloriavam-se dizendo que “o mar ficara vermelho com o sangue dos índios”. Neste vergonhoso massacre, não se pouparam nem idosos, nem mulheres, nem mesmo as crianças e os poucos índios que conseguiram sobreviver, por terem se refugiado em áreas de mata fechada, tiveram que abandonar a língua e as tradições culturais que os identificavam como Tupinambá já que esta identificação significava, naquele momento, uma pena de morte. Espantosamente, nossos livros de história não mencionam tal atrocidade, cometida com o conhecimento e, pior, com o aval do Estado. Paiva (2005:3) já concordava que o abandono da língua e cultura foi, de fato, e por mais que isso pareça paradoxal, a única estratégia de sobrevivência possível para o povo Tupinambá naquele momento:

(...) Importante também considerar que tal dispersão ocorreu mediante fortes pressões como a revolta do caboclo Marcelino na década de 30, tendo como causa a construção da ponte sobre o Rio Cururupe que levaria os fazendeiros da região a ocuparem as praias de Olivença como área de veraneio. O movimento que seguiu a partir daí com a perda da propriedade e a inserção sistemática na realidade da população regional produziu não apenas o abandono de algumas das práticas culturais, como também a adoção de elementos externos no decorrer do processo aculturativo, que, de acordo com Carrevacci, envolve a gama inteira das expressões explícitas e implícitas, os valores instrumentais e expressivos, os comportamentos racionais e os emotivos, as linguagens verbais e corporais do indivíduo e do grupo (1988, p.46).

No ano 2002, os Tupinambá de Olivença tiveram sua etnia reconhecida pela FUNAI<sup>3</sup> e aguardam a tramitação da lei<sup>4</sup> que lhes restituirá as terras roubadas naquela ocasião<sup>5</sup>. Existe um forte movimento político no interior da comunidade, que tem se materializado na forma de “áreas de retomada” ou “áreas de autodemarcação”, como preferem chamar, de antigas terras invadidas, nas quais os tupinambás permanecem, mas não sem ameaças às suas vidas. O território reivindicado pelos Tupinambá é uma área entre os municípios baianos de Ilhéus, Buararema, Una e Belmonte. Até que as terras sejam, oficialmente (e efetivamente) demarcadas, a tensão na região tende a continuar. MORI ilustra muito bem essa questão:

Os povos indígenas focalizaram inicialmente as suas lutas no problema do território, no reconhecimento de suas terras por parte do Estado. Nos últimos anos, paralelamente a suas reivindicações territoriais, os povos indígenas, e suas organizações políticas, vêm lutando pelo reconhecimento de suas línguas e de uma educação que corresponda aos seus padrões socioculturais MORI (2001, p. 163).

Por todos esses motivos, é tão importante para o povo Tupinambá, hoje, poder retomar sua língua e sua cultura, inclusive como marca identitária, que contribui para o fortalecimento do processo de reconhecimento da etnia em relação à sociedade envolvente, auxiliando também na retomada das terras invadidas.

Desde 2010, a convite de lideranças da comunidade Tupinambá, desenvolvo na comunidade Tupinambá de Olivença um projeto de Extensão universitária denominado *Curso de Língua e Cultura Tupi*, que vem (tentar) resgatar uma antiga dívida que as universidades públicas baianas têm com as comunidades indígenas de seu estado que, muitas vezes, precisavam buscar assessoria linguística em universidades de outros estados brasileiros ou, simplesmente, por falta de apoio técnico especializado, desistem de implementar a escola bilíngue em suas aldeias. As comunidades indígenas na Bahia, por localizarem-se em um estado de colonização muito antiga, têm sofrido (talvez ainda mais que as outras) com as consequências desse devastador processo colonizador.

O *Curso* tenta minimizar os trágicos efeitos que cinco séculos de colonização violenta e contínua promoveram na cultura e na língua deste povo. Os resultados das

---

<sup>3</sup> Nota técnica 01/CGPE/02, de 13 de maio de 2002 – fundação Nacional do Índio. Cf. Silva (2014:243).

<sup>4</sup> Podemos encontrar um estudo detalhado sobre o processo de demarcação das terras Tupinambá em Costa, E.F.J. (2013).

<sup>5</sup> Os Tupinambá de Olivença obtiveram o reconhecimento étnico da FUNAI em 13 de maio de 2002 (FUNAI, 13/05/2002). Cerca de sete anos após, em 20 de abril de 2009, foi publicado no Diário Oficial da União Resumo do Relatório Circunstanciado de Delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença (FUNAI, 20/04/2009: p.52-57). Erlon Costa 2013, p. 29

ações desenvolvidas até aqui, já com cinco anos do *Curso de Língua e Cultura Tupi* apontam para grande validade educacional e social pois, além de promover a escola bilíngue na aldeia – considerando-se que grande parte dos alunos do curso são professores indígenas e outras lideranças educacionais e políticas da comunidade tupinambá - participa de forma impactante no cotidiano e na própria identificação dos indígenas como Tupinambás já que se faz presente em todos os segmentos da sociedade, inclusive aqueles que não participam da vida escolar - por estender o uso da língua aos ambientes digitais - e promove sua revitalização cultural no interior da comunidade e também em relação à sociedade envolvente.

Como vimos, os Tupinambá de Olivença conseguiram, recentemente, o reconhecimento junto à FUNAI, de sua etnia indígena (considerada, até então, extinta desde o massacre do Cururupe), fator importantíssimo para auxiliar no processo de retomada das terras, secularmente invadidas, e que agora conta com um processo de demarcação em (lenta, como sabemos) tramitação no legislativo federal. Para esta etnia, a possibilidade de retomada de sua língua nativa com todas as suas especificidades dialetais, e não somente como consta nas 'artes de gramática'<sup>6</sup>, evita uma utilização artificial da língua indígena pela comunidade já que, ao contrário, promove a língua nativa como um fator identitário da etnia, alcançando, com isso, plena validade educacional e social (ao permitir que a língua, a própria materialidade da tradição, seja atualizada e efetivamente usada por todos, através de Tecnologias de Informação e Comunicação - as TICs - como as redes sociais) o que se mostra de vital importância para o processo não somente linguístico, mas fundiário e étnico, de maneira geral, por que passa esse povo historicamente injustiçado.

### **Curso de Tupi: de analógico a digital**

Quando conheci os Tupinambá de Olivença, em 2010, encontrei-os em meio a um esforço muito grande para retomar sua língua, os professores indígenas, conhecidos na comunidade como 'professores de tupi' e também os 'professores de cultura'<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Descrições linguísticas feitas por padres e estudiosos, durante o período colonial. Entre elas, talvez a mais famosa seja a *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, do Pe. José de Anchieta, de 1595. Além desta, a *Gramática e Vocabulário* do Pe. Luis Figueira, de 1687, entre muitos outros trabalhos.

<sup>7</sup> Professores responsáveis por ensinar as tradições materiais dentro do ambiente escolar: artesanatos, danças, remédios, enfeites e comidas. Foi uma forma que os Tupinambá encontraram de fazer da escola uma ferramenta de revitalização da língua e a cultura indígena.

vinham trabalhando com várias descrições gramaticais do Tupi Antigo e métodos de ensino. O mais usado era o Curso de Tupi Antigo de Lemos Barbosa (1956), mas outras descrições gramaticais e vocabulários também aparecem nesses casos, entre eles, José de Anchieta (1595), Luis Figueira (1687), Plínio Ayrosa (1938), Eduardo Navarro (2005). Além disso, os professores esbarravam em um empecilho bastante grande: a dificuldade gerada pelo fato dessas descrições históricas não utilizarem uma ortografia comum e uniforme entre si, havendo muitas e profundas divergências entre as escritas<sup>8</sup>. Realizamos uma democrática Convenção Ortográfica em novembro de 2010.

Desde esse momento, era clara a preocupação dos professores e dos alunos em pensar em uma escrita para a qual fosse possível usar o teclado dos computadores, pois o objetivo era conversar com outros “parentes”<sup>9</sup> via internet, em tupi: um ponto de desconforto nesse sentido era, por exemplo, a representação gráfica da consoante oclusiva glotal, som que, por não estar presente em línguas ditas “ocidentais” não tem uma letra que a represente no alfabeto romano<sup>10</sup>.

A intenção da Convenção Ortográfica Tupinambá foi apresentar à comunidade as diversas possibilidades que existem para os casos nos quais há divergência de escrita entre os autores e, através de uma análise linguística - que deve em conta, além dos próprios fatores internos à língua, também fatores educacionais, sociais, identitários e, até, estéticos - promover uma escolha de forma livre e esclarecida, nas palavras de D’Angelis (2002).

---

<sup>8</sup> Falando em questões práticas, um exemplo desse tipo de divergência ortográfica é a escrita da consoante nasal palatal [ʃ] “nhê” (o qual escrevemos, em português, com as letras “nh”, como na palavra “sonho”) e que, no Tupi, aparece em palavras como nhandé “nós (incluindo o interlocutor)”. Anchieta usa, para este elemento, as letras nh (que têm o empecilho de ser um dígrafo, mas tem a vantagem de já ser conhecido com este valor fonético pelos alunos falantes (e alfabetizados) em português. Já Navarro usa, para este mesmo som, a letra î, cujo acento circunflexo indica seu uso como semivogal: îandé. Î tem a vantagem de ser um símbolo único, não apresentando a dificuldade de digrafia, como ocorre com nh, e também é usada, em português, como semivogal em ataque silábico, como na palavra “ioiô”, porém, tem o inconveniente de trazer um acento que os usuários da ortografia do português não reconhecem para a letra “i”. Este, porém, é somente um dos casos que foram avaliados na convenção.

O alfabeto Tupinambá convencionado em 2010, tem as seguintes letras:

A B E G GW I Î J K KW ' M MB N ND NG O P R S T U X Y.

24 símbolos no total: 18 para consoantes e 6 símbolos para vogais.

<sup>9</sup> Este termo é usado pelos indígenas brasileiros para se referirem a outros indígenas, independente da etnia ou Tronco Linguístico a que pertençam.

<sup>10</sup> A dúvida girava em torno de se escolher uma letra como “h”, que teria a grande desvantagem de representar outro som – a fricativa glotal [h] – na escrita de outras línguas Tupi; a apóstrofo, que é um diacrítico e não tem o status de letra no nosso alfabeto, o que poderia diminuir a importância daquela consoante frente às outras, o que não seria o caso; e uma terceira opção, simplesmente deixar de representar graficamente a oclusiva glotal. A escolha final foi pela representação através do diacrítico apóstrofo (’).

O *Curso de Língua e Cultura Tupi* seguiu com reuniões mensais desde então, onde estudávamos a língua Tupi, nas gramáticas, entrevistávamos os mais idosos, ainda “lembrantes” de termos e expressões da língua Tupinambá como era falada na região, o que é imprescindível para a ressurreição da língua na comunidade. Minha experiência anterior com a língua Guarani, outra língua do tronco linguístico Tupi, e meus estudos autodidatas em Tupi Antigo, além da formação em linguística antropológica, me possibilitava ajuda-los a desvendar os tortuosos caminhos tanto das Artes de Gramática - muitas vezes em edições fac-similares, ou seja, escritas em ortografias já em desuso há séculos – quanto dos estudos linguísticos modernos, com seu vocabulário muito técnico e um complexo sistema de referências, uma dificuldade para o leitor médio brasileiro, certamente.

Já nesse momento era clara a necessidade de elaboração de um material didático específico para *nossos* objetivos e público-alvo (método pedagógico de ensino-aprendizagem de língua tupi destinado a professores-formadores indígenas, com formação padrão, que atuam nas escolas das aldeias). O curso presencial, como qualquer outro de L2 (segunda língua), utilizava textos, exercícios, escrita, leitura... Sempre privilegiando a colaboração do professor indígena no processo. Assim, construímos um material didático para uso no *Curso de Tupi* o qual tem sido a base dos estudos de retomada da língua Tupi naquela comunidade desde então, sendo compartilhado por e-mail e pelas redes sociais, não somente entre os Tupinambá de Olivença, mas entre outros povos de língua Tupi<sup>11</sup>. Em meados de 2014, a situação financeira das universidades públicas baianas já beirava o insustentável e a distância entre a UESB e as aldeias Tupinambá, cerca de 350 km, tornou-se um obstáculo à continuidade do curso, foi quando a solução digital revolucionou o ensino da língua tupi.

Quando se fala em comunidades tradicionais, tem-se o entendimento, ainda que incorreto, que tais comunidades ficaram paradas no tempo, preservando as suas tradições e sem muito ou nenhum contato com o mundo exterior e seus artefatos modernos. Ainda que algumas comunidades tenham um perfil próximo desse conceito, mas mantendo uma dinamicidade própria, fato este que deve ser fortalecido e respeitado, outras, como os Tupinambá do sul e extremo sul da Bahia, mantêm suas tradições culturais e ao mesmo tempo fazem uso da tecnologia, tanto no seu modo de vida diário quanto na educação. SILVA (2014, p.245).

---

<sup>11</sup> Temos um intercâmbio frequente, entre outros, com os Tupiniquim do Espírito Santo. Com eles, trocamos material gramatical, exercícios e outros conteúdos na e sobre a língua Tupi.

As reuniões mensais, por restrição de recursos, passaram a ser trimestrais e as aulas e conversas digitais começaram a fazer a diferença no andamento do curso. Em pouco tempo, as aulas e interações nas redes sociais eram parte imprescindível do *Curso de língua e cultura Tupi*. Através do uso de redes sociais como o *Facebook* e a *Whatsapp*, temos a possibilidade de não ter que interromper os estudos do curso. O ciberespaço, então, foi, *antropofagicamente*<sup>12</sup>, incorporado à cultura tupinambá.

O formato engessado, baseado somente na leitura e escrita, foi revolucionado pelo enorme acervo de mídias que é a internet e todas as formas de acesso a ela: vídeos, músicas, rádios nacionais e internacionais, toda a sorte de livros e artigos e tudo o que se possa imaginar. Em suma, o problema virou solução. Pedro Demo, no seu clássico *TICs e Educação*, de 2008, já visualizava o que constatamos na prática:

Destaca-se neste contexto a questão da interatividade: no mundo virtual os jovens interagem freneticamente, ao contrário do ambiente escolar marcado pela disciplina. Cita-se com frequência a visão de Schrage (2001. Lankshear/Knobel, 2007): visualizar as tecnologias de computação e comunicações da internet apenas como estratégias de informação, é míope. O valor da internet e web não está em bits e bytes, ou em banda larga. O impacto realmente transformador está nos *relacionamentos entre pessoas e organizações*. Trata-se de uma revolução de relacionamento. Por isso mesmo, os relacionamentos virtuais vão, aos poucos, equiparando-se aos físicos, ainda que um lado não substitua o outro (DEMO, 2008).

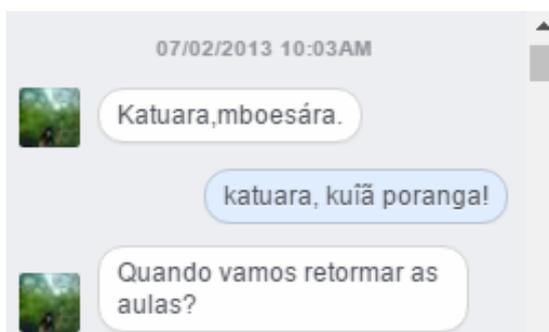
A seguir, a transcrição de diferentes usos que tecnologias como as redes sociais podem trazer enquanto ferramentas para o ensino/aprendizagem de línguas indígenas nas comunidades: travando diálogos do cotidiano, que são uma excelente forma de exercitar o uso da língua; também como ferramenta tira-dúvidas de gramática, ortografia e também de questões metalinguísticas; e, além disso, como ferramenta da atuação social que a língua e seu uso representam.

As três imagens a seguir compõem um diálogo entre a coordenadora do *Curso de Tupi* e uma professora indígena que é aluna do curso. Nele, percebemos o quanto a possibilidade digital enriquece o trabalho cotidiano com a língua indígena (de fato, com a linguagem de modo geral), explicitando um uso linguístico que vai muito além da substituição de itens lexicais como “chuva” por “amana”, ou de “menino” por “aba

---

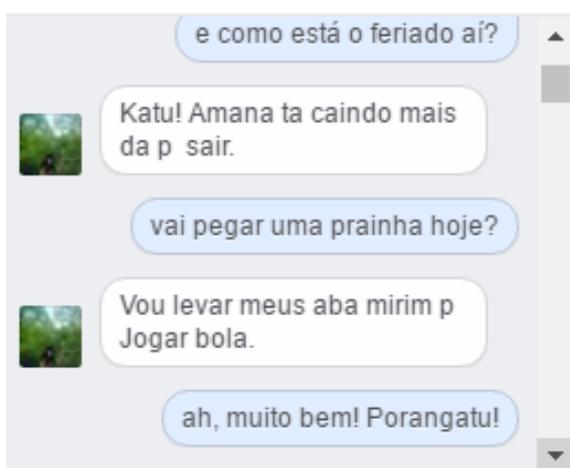
<sup>12</sup> É bastante conhecida a questão histórica que envolve os povos Tupinambá e a antropofagia, descrita nos diários dos viajantes, que tem em Hans Staden seu representante maior. Culturalmente, o fato de os Tupinambá comerem os seus inimigos, presos em batalhas, representava ao contrário do que se poderia imaginar, a elevação do guerreiro à posição de herói, já que era ingerido para que a essência da sua coragem fosse passada aos antropófagos. Metaforicamente, a palavra *antropofagia* tem sido usada das mais diversas maneiras para representar qualquer processo de envelopamento, inclusive cultural.

mirim”, mas que revela o anseio pela retomada e pelo uso efetivo da língua tupi dentro da comunidade, como peça fundamental na valorização identitária desse grupo.



Bom dia, professora

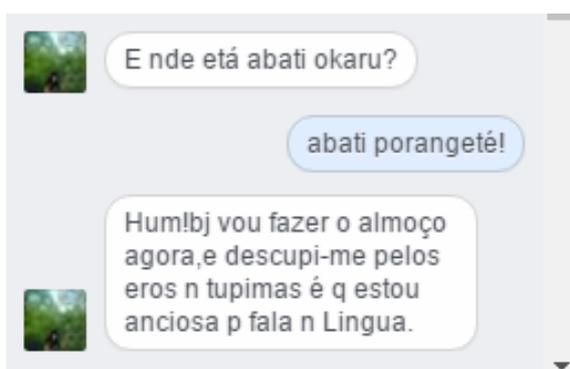
Bom dia, boa mulher!



Bem! Chuva ta caindo mas da p sair

Vou levar meus meninos p jogar bola

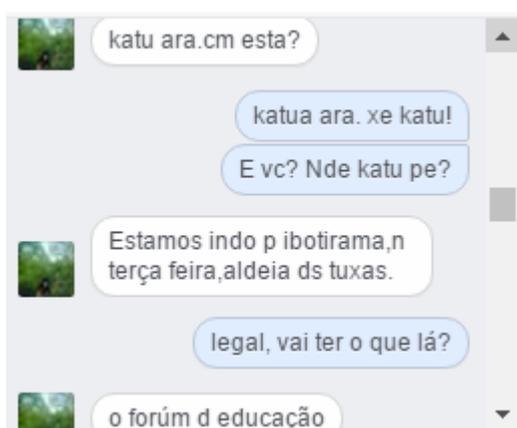
Ah, muito bem, bom de verdade!



Você tem comido muito milho?

Sim, milho é muito bom!

Não podemos deixar de mencionar a observação final da professora Tupinambá, comentando a ansiedade por retomar a língua e dar validade social a ela. A imagem a seguir expõe a utilização dos diálogos do cotidiano, o que, por si só, configura um excelente exercício, mas além disso, introduz o que chamamos aqui de uso social das TICs na educação.

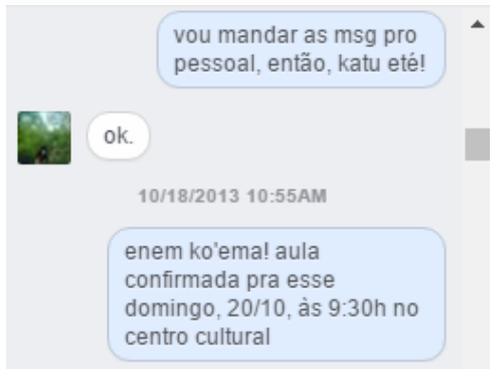


Bom dia, como está?

Bom dia, eu estou bem!

E vc? Você está bem?

Além do uso efetivo da língua tupi, neste diálogo explicita-se também um traço bastante peculiar do posicionamento dos professores indígenas: o grande engajamento tanto político quanto educacional. Assim, observa-se que o uso que os professores Tupinambá fazem das tecnologias digitais na educação possibilita focar em questões linguísticas e também explorar a função social que a manipulação da língua e das TICs podem ter, apontando para o fato de a educação ser, como sabemos, o veículo da cidadania.

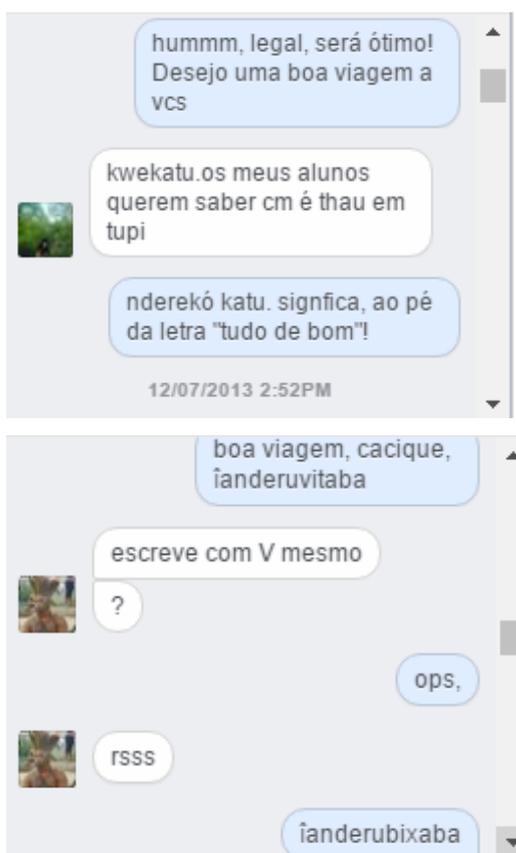


Além da utilização mais direta, chamemos assim, das TICs para o conteúdo do ensino/aprendizagem da língua indígenas, o ambiente digital sempre foi imprescindível também para questões práticas e técnicas do curso de tupi, como questões de calendário, horário, entre outras. O fato de essas tecnologias manterem as pessoas em contato em tempo real, 24 horas por dia, a baixo custo, certamente é um diferencial que torna a incorporação dessas tecnologias irreversível na educação.

Os processos formativos tornam-se mais plásticos, seguindo nisto o ambiente virtual que não admite formatos definitivos. À medida que nos libertamos da ordem do discurso (Foucault, 2000), por ser estrita, fixa, disciplinar (da

esquerda para a direita, de cima para baixo, letra por letra, palavra por palavra, página por página), e nos habituamos à dinâmica plástica da imagem (Kress, 2005), por não ter esta centro, hierarquia, ordem determinada, vamos assumindo modos mais flexíveis de aprendizagem, não mais submetidos à transmissão obsessiva e instrucionista de conteúdos (DEMO, 2008).

Outro uso bastante difundido entre os Tupinambá de TICs voltadas à educação são vistos nos diálogos que seguem. Neles, observamos o uso da ferramenta digital como uma espécie de tira-dúvidas, sobre questões de ortografia, pronúncia e regras gramaticais.



A ortografia flutuante dos diversos autores são sempre motivo de dúvidas gramaticais dos alunos do curso.

O diálogo a seguir revela um tom de humor quando o professor Tupinambá, testando a atenção da coordenadora do projeto, troca os cumprimentos de acordo com o horário do dia. Mais do que uma piada, o diálogo revela a incorporação dos valores que a língua indígena traz para o cotidiano da aldeia e o seu uso nesse tipo de construção linguística aponta para uma transição entre o uso mecânico e uma utilização mais espontânea dos elementos linguísticos.

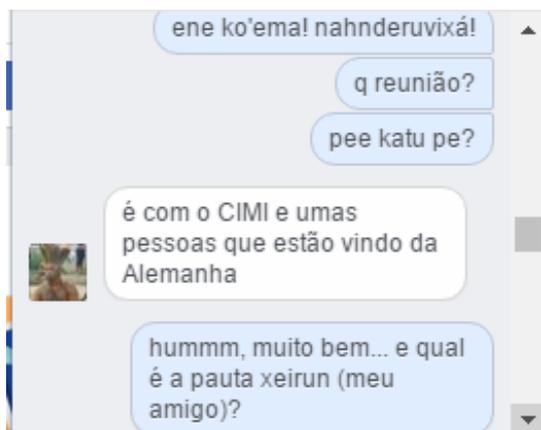


Bom dia  
Boa noite, Katu!  
Kkkkk

Comprovação do sucesso do curso entre os professores indígenas, a certa altura já travávamos diálogos inteiros na língua tupi pelo facebook. É interessante notar que, apesar de, presencialmente, o uso da língua indígena já estar retornando ao cotidiano da comunidade, o ciberespaço estimula ainda mais estas interações verbais como demarcadoras de identidade étnica.

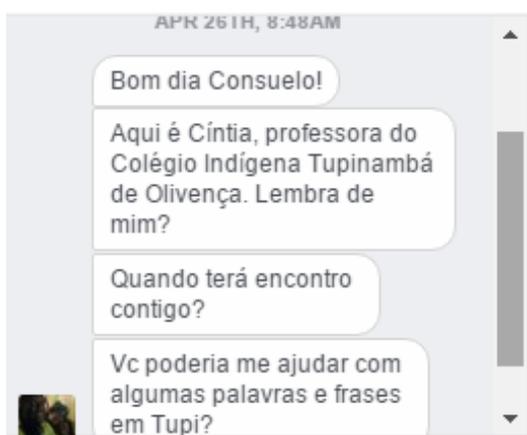


Boa tarde  
Boa tarde, você está bem?  
Eu estou bem<sup>13</sup>



Bom dia, nosso cacique!  
Vocês estão todos bem?

Aqui se observa o uso de uma expressão alternativa para o cumprimento de bom dia. Esse fato aponta para a necessidade que os avanços no aprendizado da língua indígena criam com relação ao uso de sinônimos e outras estruturas linguísticas que enriquecem a língua. No caso específico dos Tupinambá de Olivença, a escolha de uma ou outra forma do cumprimento de bom dia - *Katuara* ou *Ene ko'ema* - indica a filiação a grupos políticos diferentes dentro da comunidade.



Finalmente, o ambiente digital dinamiza o curso de língua Tupi por possibilitar a orientação sobre questões linguísticas e outras, em tempo real, além de possibilitar que tais eventos fiquem registrados e assim estejam disponíveis para futuras consultas, o que não é possível nas orientações verbais.

Atualmente, a UESB, entre outras universidades estaduais baianas, está à beira do colapso e foram cortados todos os recursos dos projetos de extensão, fonte de fomento das atividades ligadas ao Curso de Tupi. Mais uma vez, movidos pela restrição de recursos, o curso de tupi se reinventa: está em elaboração uma série de vídeo-aulas sobre os tópicos do material didático do *Curso de Língua e Cultura Tupi*, para que possamos continuar estudando a língua à distância. Cada vídeo-aula trata de uma das quase quarenta lições que compõem o material didático.

O ambiente de redes sociais, como o whatsapp pode dinamizar as aulas de línguas pois permite uma atualização praticamente simultânea e um acompanhamento e discussão por todo o grupo. A possibilidade das mensagens de voz é uma outra porta que se abre, já que para a verificação de pronúncia, a mídia somente escrita não seria

suficiente. Além disso, o fato de operar a baixo custo é um diferencial que garante o sucesso das TICs na educação Tupinambá.

### **Considerações finais**

Retomo aqui a introdução deste trabalho, onde considerei que o *Curso de Língua e Cultura Tupi* é uma tentativa de minorar os danos causados ao povo Tupinambá por mais de cinco séculos de colonização predatória. Realmente, a restrição de recursos para a pesquisa e extensão nas universidades estaduais baianas tem sido o limitador. Entretanto, mais uma vez somos comprovamos a imensa força do povo Tupinambá.

A antropofagia é uma atribuição corrente da cultura desses índios. A antropofagia do ciberespaço é apenas mais uma modalidade. Mais que uma ferramenta que auxilia na educação, o uso das mídias digitais mostrou-se, no caso da *Curso de Tupi*, entre os Tupinambá de Olivença, BA, elemento fundamental do processo educacional sem o qual o projeto de retomada linguística dessa etnia seria interrompido.

### **Bibliografia**

ANCHIETA, Pe. José de, *Arte de Gramática da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola, 1990.

AYROSA, Plínio. *Vocabulário na Língua Brasileira*. São Paulo: Dep. de Cultura, 1938. Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

BARBOSA, A.L. (1956). *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro :São José.

CAVENACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Tradução Julia M. Polinésio e Vilma de Katinsky B. de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1988. 211p.

COSTA, Consuelo de P. G. *Nhandewa Aywu: Fonologia do Nhandewa-Guarani*. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2010.

\_\_\_\_\_, *Kwatiá Porã: a escrita dos Nhandewa-Guarani*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

COSTA, Erlon Fábio de Jesus. *Da corrida de tora ao poranci: a permanência histórica dos tupinambá de Olivença no sul da Bahia*. Tese de mestrado. UnB, 2013.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Os Filhos de Jaci: Ressurgimento étnico entre os Tupinambá de Olivença – Ilhéus – BA*, 2003.

Disponível em: <http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads>. Acessado em 28 de fevereiro de 2016.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha *O Nhandewa-Guarani ensinado nas escolas indígenas de São Paulo e norte do Paraná*. Comunicação em Congresso, 2002.

DEMO, Pedro. *TICs e Educação (2008)*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/pub?id=122YjQchoYmfKffYTafQksphUwzyh9gOPx6FuQTBRIrU>. Acessado em 15/05/2015.

FIGUEIRA, Pe. Luis. *Grammatica da Lingua do Brasil*. Leipzig: B.G.Teubner, 1878 [fac-similiar à edição de 1687], Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

MORI, Angel Corbera. A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como? In: VEIGA, Juracilda e SALANOVA, Andrés. *Questões de Educação Escolar Indígena*. Brasília: FUNAI/DEDOC; Campinas: ALB, 2001.

NAVARRO, Eduardo de A. *Método Moderno de Tupi Antigo*. São Paulo: Global, 2005.

PAIVA, Anderson dos Santos. *Corpus gráfico tupinambá: identidade iconográfica ameríndia* In: Anais do I ENECULT. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/AndersondosSantosPaiva.pdf>. Acessado em: 15/05/2015.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimentos das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SILVA, José Daniel da. *Software educacional: recurso didático para apoio no processo de revitalização da língua tupi*. In: COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da e NETO, João Veridiano Franco (orgs.). *Multiverso Indígena: abordagens transdisciplinares*. Porto Seguro, IFBA, 2014.